

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 949	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial — Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	\$650	\$120	10 DE MAIO DE 1905	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem),.....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	3\$000	1\$500	—	—		

Centenario da publicação do Don Quixote



Miguel de Cervantes
Saavedra

COPIA DE UM RETRATO PINTADO POR FRANCISCO PACHECO
REPRODUZIDA DE UM DESENHO DE D. EDUARDO CANO

CERVANTES E O DON QUIXOTE

A celebração do terceiro Centenario da publicação da Novella de Miguel de Cervantes Saavedra, *historia del ingenioso hidalgo Don Quixote de la Mancha* em 1605, é uma forma da apoteose d'aquelle genio revelado em uma criação esthetica unica e incomparavel. A sua vida foi completamente esquecida, perdendo-se a noticia da data e lugar do seu nascimento, triste consequencia da decadencia da Hespanha reflectida no desdem pelos representantes ainda os mais altos do espirito nacional. Quando a Europa admirando o *Don Quixote* quiz saber algumas noticias biographicas de Cervantes, no fim do seculo xviii é que certos criticos se entregaram á investigação dos archivos parochiaes, e por desgraça toparam com varios Cervantes, nascidos em annos que se conciliavam com algumas particularidades referidas pelo novellista nas suas obras. Ha um nascido em 9 de outubro de 1547, filho de Rodrigo de Cervantes e D. Leonor de Cortinas, baptisado na parochia de S. Maria Mayor, de Alcalá de Henares.

Embora nos documentos se lêa *Carvantes*, e na familia, composta de tres filhos mais, D. Andrea, D. Luisa e Rodrigo, não appareça o appellido *Saavedra*, tem prevalecido entre os biographos a opinião, de que este é o auctor de *Don Quixote*. Quando se estabelecia a chronologia da vida do Cervantes nascido em 1547, appareceu na parochia de Santa Maria de Alcazar de S. Juan, o assento do baptismo de Miguel, filho de Blas de Cervantes Saavedra e de Catalina Lopez, nascido em 9 de novembro de 1558; e em cota de letra mais moderna escreveu um curioso, seguindo a tradição local: *Este fue el autor de la Historia de D. Quijote*. Levantaram-se dois partidos, uns sustentando que o novellista é natural de Alcalá de Henares, e lhe adjudicam todos os documentos que se referem a um individuo Carbantos; e outros que vêem no de Alcazar de San Juan um *mancheño*, que representa todos os aspectos pittorescos da região da sua naturalidade na *Historia de D. Quijote*. Os que attribuem a Cervantes de Saavedra o assento baptismal de 1547, dão-o como frequentando os estudos de Alcalá de Henares com o humanista Hoyos, escrevendo versos na morte da rainha Isabel de Valois em 1568, acompanhando n'esse anno para Roma o Cardeal Julio Aquaviva como seu creão grave, e em 1569 seguindo a carreira militar, servindo sob Marco Antonio Colonna, e assignalando-se em 1571 na batalha de Lepanto. Ha muitos documentos referentes a este individuo e um pouco honroso; mas só por coincidencias de factos auto-biographicos do novellista é que inconsideradamente se confundem os dois individuos.

É frequente nos vultos historicos do seculo xvi encontrarem-se homonymias que difficultam a investigação historica; em Portugal temos exemplos curiosissimos, taes como cinco ou mais Gil Vicente, uns dez Christovam Falcão, tres Luiz de Camões, tres Sá de Miranda. Em Hespanha dá-se o mesmo, e o caso de Cervantes é clamoroso, porque a tres se attribue o *Don Quixote*. Vejamos os documentos do de Alcazar de S. Juan.

Além do documento que o dá nascido em 9 de novembro de 1558, interpreta-se uma phrase da Novella, em que se lê que fôra extrahida de uma historia de *Cide Hamete Benengeli, auctor arábico e mancheño*. Segundo uma interpretação de Antonio José Conde, *Ben Engeli*, significa Filho de Cervo ou Cervantenho, que allude ao animal symbolisado nas armas dos Cervantes. E segundo Castellanos, o nome *Cide Hamete Benengeli* é um anagramma de *Miguel de Cervante*, apenas com omissão de duas letras. No prologo das *Novellas exemplares*, traz Cervantes uma referencia á idade que então contava: «Minha idade não está já para burlar da outra vida, porque — *al cincoenta y cinco de los años gano por nueve mas, y por la mano.*» Os biographos de Alcazar dizem, que publicadas as *Novellas exemplares* em 1613, em 13 de julho, os cincoenta e cinco annos contados reportam-se a 1558, e mais nove mezes (entendendo *mas* por mezes); os de Alcalá, accrescentando a 55 annos mais 9, prefazem a idade de 64 annos, que o novellista contava em 1613 sendo nascido em 1547. Estes processos fazem lembrar as subtilidades da kabala.

Ha porém um facto que nos parece decisivo em que se conhece o typo *mancheño* de Cervantes de Saavedra: é o retrato que de si fez no prologo das *Novellas exemplares*, esboçando todos os caracteres dos homens da Hespanha occidental, que comprehendem toda a Lusitania pre-strabonica; e convém recordar que os Cervantes da Andaluzia vieram da Galliza. Vejamos agora a verdade dos traços physionomicos de Cervantes como elle se uos dá a conhecer: «Este que aquí vedes, de rosto

aquilino, de *cabello castanho*, fronte lisa e desembaraçada, de alegres olhos e de nariz curvo ainda que bem proporcionado; as barbas argenteas, que não ha vinte annos foram de ouro (*barbi ruivo*, aos 35, como Camões), os bigodes grandes, a bocca pequena, os dentes nem meudos nem grandes. . . o corpo entre dois extremos, *nem grande nem pequeno*; a cor viva, mais branca do que morena, algo carregado das espaldas, e não mui ligeiro de pés. Este digo que é o autor da *Galatea* e de *Don Quixote de la Mancha*, e do que fez a *Viagem ao Parnaso*. . . e outras obras que andam por ahí desgarradas, e quiçá a m o nome de seu dono. Chama-se commumente Miguel de Cervantes Saavedra. Foi soldado muitos annos, e cinco annos e meio captivo, donde apprendeu a ter paciencia nas adversidades.» D'estas linhas são toda a biographia do poeta; as feições do seu retrato não são de um *ibero* mas de um typo *lusitano*. E embora os pintores e desenhadores hespanhoes, francezes e inglezes idealisem a sua figura com feições castelhanas, francezas e inglezas, as linhas vivas do retrato de Cervantes fixadas pelo seu amigo o celebre pintor de Sevilha Francisco Pacheco coincidem com o esboço do prologo das *Novellas exemplares*, confirmam-o, dão-lhe essa expressão delicada e sentimental de typo lusitano.

Cervantes fallava com orgulho de ter tomado parte na batalha de Lepanto em 8 de outubro de 1571. Contava então treze annos de idade; como explicar esta precocidade, unico obice contra o plano chronologico de *soldado Saavedra*, de Alcazar de S. Juan? A partida de D. João de Austria para tomar o commando geral da armada contra o Turco foi um motivo de hallucinação geral; Philippe II, invejoso do seu irmão natural, evitava nomeal-o para esse posto glorioso. A princeza de Cardonne, vestida de frade carmelita descalço, entrou desvaivada pelo paço dentro, proclamando D. João de Austria chefe da Cruzada, e prophetisando-lhe o triumpho das armas christãs. Philippe II viu-se forçado a seguir a corrente da opinião popular. Foi arrebatado por esta corrente fanatica, que Cervantes, assim no impulso de criança se dirigiu para Barcelona, sentando ahí praça, e seguindo como soldado na galera Marquiza. Foi este o itinerario de *Don Quixote*, quando impellido pelo seu delirio de Cavalleiro andante seguiu para Barcelona; o novellista representava-se na vacuidade do sonho do seu heroe, ao fim de trinta e trez annos de decepções. Cervantes foi ferido na batalha naval, principalmente na mão esquerda; depois da estrondosa victoria levaram-o com os outros feridos para Messina, merecendo a attenção do joven heroe D. João de Austria, que em Portugal ainda é celebrado nos Romanços populares. Cervantes não ficou com a mão decepada, mas perdeu os movimentos d'ella; isto não embaraçou que voltasse á lucta, indo combater em Tunis sob o commando do Marquez de Santa Cruz e assistindo á tomada de Goleta, 1575; contava então os seus dezeseis annos. Sendo licenciado por D. João de Austria, regressou á Hespanha n'esse mesmo anno para vir requerer uma mercê pelos seus serviços; e n'esta viagem é que em 26 de setembro de 1575, foi aprisionado o navio em que vinha, e levado captivo para Argel com a demais tripulação. Durou o seu captiverio *cinco annos e meio*, como elle o declara, isto é de fins de 1575 a maio ou junho de 1581 em que foi resgatado.

É n'este periodo que se intercalam as extraordinarias aventuras de Miguel de Cervantes, (Carbantos) de Alcalá de Henares, resgatado pelos dotes de suas duas irmãs D. Andrea e D. Luisa, e por auxilio especial dos trinitarios á custa de outros resgates; e os depoimentos requeridos pelo proprio Cervantes, bem o mostram habil para explorar a sua situação, pois que muita gente por elle se interessou. Por certo que este não é o obscuro *soldado Saavedra*. A reproducção phototypica da letra de um requerimento de Miguel de Cervantes, de Alcalá de Henares, differe fundamentalmente de um autographo da mesma epoca de Miguel de Cervantes Saavedra, o *mancheño*. Este facto é capital, para desfazer a confusão. Resgatado, com vinte e tres annos de idade, elle ainda creê na gloria da Hespanha, que acabava de incorporar na unidade iberica o reino de Portugal. Philippe II viera tomar posse do novo estado, e achava-se nas Côrtes de Thomar; Cervantes, veio em 1581 a Portugal, alistando-se na expedição naval que ia para os Açores, combater a esquadra de Strozzi, que sustentava a causa de D. Antonio Prior do Crato, e effectuar a tomada da ilha Terceira, ponto de apoio do partido nacional. Foi essa campanha naval gloriosa para Bazan, que derrotou Strozzi, de 1582 a 1583; Cervantes ao regressar a Lisboa, aqui se demorou todo o anno de 1584, enlevado em uma aventura

de amores, que descreveu no seu romance pastoral *Galatea*, imitação da *Menina Moça* de Bernardim Ribeiro e da *Diana* de Jorge de Monte Mor. Regressou a Hespanha pouco depois, e em 1585 o vamos encontrar casado em Esquivias com D. Catalina Palacios Salazar Vozmediano, elle pobre, porque nada obteve dos seus serviços, e ella com um mesquinho dote, que mal dava para viverem em Esquivias. E' então que tendo publicada em 1585 em Setembro a *Galatea*, e reproduzindo-se em segunda edição em Março de 1586, se lembra do expediente da litteratura, e se muda para Madrid. Ahí frequenta as tertulias litterarias, principalmente a *Imitatoria*, e cultiva a litteratura dramatica. Vinte foram as comedias que escreveu n'esse anno de 1587 e 1588, mas que não chegaram a ser impressas, e de cujos originaes apenas foram achados dois modernamente. Cervantes puzera em uso a divisão das tres jornadas da Comedia famosa, e o emprego dos personagens allegoricos. O esplendor do talento, fecundidade e inspiração de Lope de Vega tornaram-o o poeta querido do publico, e Cervantes abandonou-lhe o campo. Deixou Madrid para ir procurar em Sevilha um emprego, porque em 1588 acabava de ser nomeado Provedor Geral das Armadas e Frotas da India Antonio de Guevara; Cervantes conseguiu ser nomeado commissario dos fornecimentos dos generos, sendo por isso obrigado a percorrer muitas terras da Hespanha. D. José Maria Asensio, descobriu numerosos documentos de 1588 a 1593, e todos datados de Sevilha sobre actos das suas funções de Commissario da Provedoria Geral das Armadas, procurações, fianças, quitações. N'este serviço percorreu toda a Andaluzia, descrevendo os costumes locais, que lhe inspiraram as suas deliciosas *Novellas exemplares*. Entre esses documentos appareceu o contracto de Cervantes com Rodrigo Osorio de 3 de setembro de 1592, em que se obrigava a escrever seis Comedias por cincoenta e dois ducados cada uma se fossem applaudidas. Parece que o contracto não chegou a ser effectuado, por que as oito comedias de Cervantes impressas em 1615 pertencem ao grupo composto em 1587 em Madrid. Existe um requerimento de Miguel de Cervantes Saavedra de 1590, pedindo a mercê de um despacho para as Indias Occidentaes allegando os seus serviços; o despacho foi uma escusa de uma promessa vaga. No archivo reuniram a este documento de 1590 outros de 1575 de Miguel de Cervantes, de Alcalá de Henares, confundindo-se outra vez as duas individualidades.

No seu laborioso emprego, Cervantes sente quanto a miseria lhe prende os vãos do genio litterario, e pelas animosidades que nas povoações provocava a arrecadação dos generos para a Armada foi por vezes prezo e até excommungado; assim em 1592 esteve tres mezes prezo na villa de Castro del Rio; e em 1597 esteve outros tres mezes prezo no celebre Carcere de Sevilha. Foi aqui que concebeu o plano do seu *Don Quixote de la Mancha*; o motivo da prisão foi uma pequena responsabilidade do officio, de que se viu quite pela sua pequena importancia. No prologo do *Don Quixote* revela-nos, que elle «nasceu em um carcere, aonde todo o encommodo tem o seu assento, e aonde todo o triste ruido faz a sua habitação.» Esteve ainda outra vez preso em 1600 em Argamasilla, e aqui colloca a tradição o berço de *Don Quixote*; é natural que esta desolada situação o levasse a desenvolver o seu quadro dos conflictos da realidade da vida. A residencia de Sevilha alentava-o na sua actividade litteraria: ahí conyviava com o afamado poeta lyrico Hernando Herrera, com Luiz Barahona de Soto, e com o celebre pintor Pacheco, que o representou no seu quadro de S. Pedro Nolasco como remador. Em 1605, no anno em que publica a primeira parte do *Don Quixote*, apparece outra vez preso o Miguel de Cervantes de Alcalá de Henares, em 27 de junho, por causa do assassinato de D. Gaspar de Espelleta, que frequentava uns amores na casa em que o dito Cervantes, (de Alcalá de Henares) habitava com D. Andrea, uma filha d'esta, e uma irmã beata D. Magdalena Sotomayor, e com uma filha natural D. Isabel Saavedra. Toda esta gente suspeita foi presa e processada; D. Isabel de Saavedra declarou que tinha vinte annos, por tanto, nascera em 1585, e por isso não é admissivel que nascesse antes do casamento do novellista, e dos seus amores em Portugal. Houve portanto aqui phantasia dos biographos.

Esta antinomia leva a differenciar os dois homonymos.

Teve cinco edições no mesmo anno de 1605 a novella de *Don Quixote*, e podemos afirmar que a primeira se imprimiu em Portugal, reflectindo-se alguns *portuguezismos* na edição de Madrid.

El ingenioso hidalgo D. Quijote de la Mancha.

Em Lisboa: impressa com licença do Santo Officio por Jorge Rodriguez. Anno de 1605. Tomo in-4.º A licença do Santo Officio é do 1.º de março de 1605, e a data do Privilegio real é de 9 de fevereiro do mesmo anno.

Transcrevemol-o aqui:

«Eu El-Rey. Faço saber aos que este alvará virem, que eu hei por bem de fazer mercê a Miguel de Cervantes Saavedra, de le dar licença para que possa imprimir nos meus Renhos de Portugal o livro intitulado: *Ingenioso Hidalgo Don Quixote de la Mancha*. E isto por tempo de dez annos, que començarem da feytura d'este em diante. Dentro do qual tempo hei por bem e mando, que nenhum impressor, nem livreiro, nem outra alguma pessoa de qualquer calidade e condição que seja nã possa imprimir, nem vender o dito livro, nos ditos meus Renhos e Senhorios, nem trazellos de fóra d'elles, salvo aquelles livreiros ou pessoas que para isso tiverem poder e licença do dito Miguel de Cervantes. E qualquer outra pessoa, que sem essa licença imprimir, vender ou trazer de fóra o dito livro, durante os ditos annos, perderá para elle todos os volumes que lle forem achados; e além d'isso encorrerá en pena de cinquenta cruzados, a metade para a minha Camara, e outra metade para quem o accusar. E mando a todas as minhas justiças, officiaes e pessoas dos ditos meus Renhos, e Senhorios, a que este alvará for mostrado, e o conhecimento d'elle pertencer, que o cumprão e guardem e façam inteiramente cumprir e guardar como n'elle se contém. O qual quero que valha, tendo força e vigor, como se fosse carta por mim assignada e passada pela Chancellaria, sem embargo da Ordenação do segundo livro. Titulo 4.º que diz, que as cosas cujo effeito houver de durar mais de um anno passe por cartas, e passando por alvarás nã valham; e valerá outro si posto que nã seja passado pela Chancellaria, sin embargo da Ordenação em contrario. Antonio Campello o fez em Valladolid, a nove de fevereiro de mil seiscientos e cinco annos. — REY».

EL INGENIOSO HIDALGO DON QUIXOTE DE LA MANCHA.

Compuesto por Miguel de Cervantes Saavedra.

DIRIGIDO AL DUQUE DE
Soria, Marqués de Castella, Conde de Benavente, y
Caballero de la Orden de Alcázar, y de
Alcaide de la Ciudad de Zamora.



Impresso en Valencia, en casa de
Pedro Taulada Mey, 1605.

A cargo de Felipe Ferrer, impresor de libros,
de la Real Diputación.

FAC-SIMILE REDUZIDO DO FRONTISPICIO
DA 1.ª EDIÇÃO DA PRIMEIRA PARTE DO D. QUIXOTE
FEITA EM LISBOA NO ANNO DE 1605

E' pois esta edição de Lisboa anterior ás duas de Madrid de Juan de la Cuesta, do mesmo anno, e á de Valência de Pedro Patricio Mey, cuja approvação é de 18 de julho de 1605.

EL INGENIOSO HIDALGO DON QUIXOTE DE LA MANCHA.

Compuesto por Miguel de Cervantes Saavedra.



Impresso em Lisboa de Santo Officio por Jorge
Rodriguez. Anno de 1605.

FAC-SIMILE REDUZIDO DO FRONTISPICIO
DA 1.ª EDIÇÃO DA PRIMEIRA PARTE DO D. QUIXOTE
FEITA EM LISBOA NO ANNO DE 1605

Apontamos a segunda edição portugueza:

El ingenioso hidalgo Don Quixote de la Mancha. . . Con licencia de la Inquisición. Em Lisboa por Pedro Craesbeck. Anno M D C V. In-8.º de 460 fl.

Apesar da immensa popularidade do *Don Quixote*, Cervantes nas angustias da miseria não pensara mais em publicar a segunda parte da Novella. Em 1614, um seu detractor anonymo publicou a segunda parte, fazendo de Dom Quixote um idiota e de Sancho Pansa um comilão, dando no prologo uma terrivel carga em Cervantes. Isto o excitou a escrever á pressa e a publicar em 1615 a segunda parte do *Ingenioso Caballero Don Quixote*, em que lhe poz esse final sublime do hallucinado heroe que no seu paroxysmo cobrara a razão. Cervantes estava havia muito atacado da doença mortal da hydropsia, e depois de ter ido procurar allivio a Esquivias, regressou á pressa a Madrid, onde morreu em 23 de abril de 1616.

Em 12 e 22 de Agosto de 1616 foi approvada pelo Santo Officio e Ordinario para se imprimir em Lisboa a Segunda parte do *Don Quixote*, tres mezes depois do falecimento de Cervantes



FAC-SIMILE REDUZIDO DO FRONTISPICIO DA 2.ª PARTE
DO D. QUIXOTE IMPRESSA EM LISBOA NO ANNO DE 1616

Sua mulher D. Catalina Palacios, publicou no anno seguinte o *Persilesy Sigismunda*, que ficara inedito; n'essa novella vem a relação do seu encontro com Manuel de Sousa Coutinho (Frei Luiz de Sousa) no captivo de Argel. Enterrado na Igreja das Trinitarias da rua do Humilhadero, annos depois mudou-se o convento, e a sepultura de Cervantes perdeu-se. Em muitas situações da vida lembra Camões, que elle exaltou com enthusiasmo; em toda a sua obra é profunda a sympathia que manifesta por Portugal, pela lingua e pelos poetas portuguezes; era a fibra da raça que pulsava no seu genio amoroso e aventureiro.

Theophilo Braga.

Chronica Occidental

Uma noite, ha muitos annos, n'uma comedia velha, parece-me que traducção do José Carlos dos Santos, ouvi dizer ao heroe que desejaria viver muito tempo debaixo d'uma redoma, livre de todos os perigos, tal era a curiosidade que tinha de assistir a todas as surpresas que o seculo lhe promettia. E ainda o seculo XIX estava longe do fim. Que diria elle agora?

Effectivamente as surpresas nunca foram tantas como hoje em dia, nem se engranaram tão maravilhosamente umas nas outras. São como foguetes em grandes girandolas, que a vista d'um só homem não pode abarcar d'uma vez. Ainda quando em alguns as paixões se caem, vive em todos a curiosidade, e fal-os mover e querer saber, e dá-lhes uma apparencia de interessados.

O nosso proprio, pacaissimo Portugal vai sahindo do seu ripanso. Se é verdade o que se diz da invenção de Pedro Hymalaia, dará muito breve que falar relativamente aos progressos da sciencia; se o caminho seguir que lhe apontam bons augures, nome conquistará decerto entre as mais poderosas nações colonias; se ouvirmos financeiros optimistas e os cambios continuarem favoraveis, até os mais horribes espectros começarão a desvanecer-se n'uma luz de aurora.

Mas ainda não é isto o que mais esperta a curiosidade d'uma nação por sua natureza já disposta á philosophia do deixar correr o marfim.

A politica d'esta vez ainda encontrou uns grãositos de polvora, talvez de antigas bisas de rabiari, que se escondiam na proverbial brandura dos costumes. D'ahi a paixão que todos vão tomando na discussão dos tabacos e os commentarios vivos ás surpresas tanto maiores quanto estavam longe de annunciadas.

Depois da reconstituição ministerial que abriu muitas bocas, ás quizes deu algum mal porque ainda não fecharam, outras maiores exclamações se entenderam em longa fila, pontuando noucias politicas. Duas grandes surpresas, que foram geraes, devem aqui mencionar-se: os artigos do *Primeiro de Janeiro* contra o negocio dos tabacos, tal como foi apresentado ás camaras, e as pazés realisadas entre o sr. José Luciano de Castro e o sr. Marianno de Carvalho.

Ainda estas surpresas estavam dando para muito, quando outra, muito maior, rebentou na propria casa do sr. José Luciano, onde se reunira a commissão de fazenda. Os srs. dr. Ovidio Alpoim, irmão do actual sr. ministro da justiça, dr. Queiroz Ribeiro, que ainda antes d'hontem era chefe do gabinete do sr. ministro da fazenda, Moreira d'Almeida, director politico do *Dia*, dr. Antonio Centeno, dr. João Pinto Rodrigues dos Santos, Joaquim José Cerqueira e dr. Luiz José dias, todos deputados progressistas, constituindo maioria, manifestaram-se contra o debatido contracto dos tabacos. Hontem não houve sessão na camara dos deputados por falta de numero, e eis o ministerio novamente em crise, correndo, entre mil outros boatos o da demissão do sr. conselheiro Alpoim.

A tragicomedia politica vai-se desenrolando com muitos actos e muitos quadros, bastantes alcapões e com promessas, ainda não cumpridas, de apothoses finaes. O publico enche a platéa, mas diga-se a verdade, mais do que a peça, talvez muito mais, o interessa o que vai, segundo se diz, pelos bastidores.

Tragicomedia dissémos nós que se representava. E' assim, na sua essencia e na sua forma, quasi toda a representação politica; mas, um dia d'estes, tratou-se na camara d'um facto de summa importancia a que vai mal aquella definição. O acontecimento dos Gambos, a morte d'um sargento, uma companhia que fugiu, novamente a ameaça dos pretos revoltados, hão de forçosamente chamar a attenção do governo para aquelles portos da Africa em que vai perdendo de seu prestigio o nome portuguez. O desastre formidavel do Cunene e o revez dos Gambos são paginas deveras dolorosas da moderna historia de Portugal nas suas possessões. Falaram sobre o assumpto os srs. Dantas Baracho e Teixeira de Sousa, antigo ministro da maunha, pares do reino a que respondeu o actual ministro, sr. dr. Moreira Junior, em cujo patriotismo e bom senso, tão necessario agora, deve de haver confiança para uma boa solução n'este gravissimo assumpto.

Estamos em maio, e até já vai o mez bastante adelantado. Por excepção estão as camaras ainda abertas, e a politica domina em todas as conversações. . . Maio! mez das rosas! . . . E' de apostar que até na exposição da mais linda da rainha das flores, algumas palavras, muitas palavras, de politica se trocaram, offendendo os ouvidos dos mais encantados floricultores.

No salão da Trindade se realizou a deslumbrante exposição a que muitos amadores concorreram, sendo lindas as installações dos jardineiros da Escola Polytechnica e da Camara Municipal, a dos srs. Duques de Palmella, a do sr. dr. Amor de Mello, e muitos mais, sendo grande o numero dos expositores premiad's.

Depois da politica descança um bocado e faz bem á alma falar de rosas e do seu perfume; lembrar a primavera que por todos esses campos se apresenta por tal forma linda, que até já os vinhateiros temem uma nova crise de abundancia; recorda manhãs e tardes em que o céu se reveste das mais scintillantes cores, de composição impossivel até na palheta dos melhores artistas.

Como essa vista e o ar puro respirado e os aromas bebidos e o murmurar amoroso de toda a natureza, parecem ter sido creados para serenar paixões, desfazer ambições de grandezas mundanaes, criar amor nos corações, matar inimidades! Devia em maio encerrar-se S. Bento e a reunião dos deputados realisar-se ali em qualquer recanto de serra, onde houvesse sombras de ulmeiros, murmurios de pinhaes e de regatos, fôfos assentos de musgo, passaros trinando, aromas de flores. E talvez o que succedea com o sr. Marianno de Carvalho e José Luciano, se desse com os srs. Hintze Ribeiro e João Franco.

Era no campo, em plena primavera, que os diplomatas deviam ter suas conferencias. Já as esquadras russas não andariam a procurar-se pelos



S. M. O REI VICTOR MANUEL III
PRESIDENTE DO INSTITUTO INTERNACIONAL DE AGRICULTURA



CONSELHEIRO MATHIAS DE CARVALHO
E VASCONCELLOS

MINISTRO PORTUGUEZ JUNTO A CÔRTE DE ROMA
DELEGADO DIPLOMATICO DE PORTUGAL AO INSTITUTO
INTERNACIONAL DE AGRICULTURA



DR. OLIVEIRA FEDÃO



SERTORIO DO MONTE PEREIRA
DELEGADOS TECHNICOS DE PORTUGAL AO INSTITUTO
INTERNACIONAL DE AGRICULTURA

mares do Oriente, nem andaria o almirante Togo em busca dos inimigos para mais uma grande mortandade, a affligir e a revoltar as almas sentimentaes. Creio que a todos succederá o mesmo: a mim qualquer desastre me parece

mais doloroso e absurdo, quando a noticia me chega n'um dia esplendido como o de hoje, quando oiço passaros a chilrear e creanças a sorirem, quando o custando-lhe a atravessar a folhagem compacta das arvores, chega desde o céo a cantar um hymno de amor.

S. M. O IMPERADOR GUILHERME II EM LISBOA



SALVA DE PRATA OFFERECIDA POR S. M. EL-REI D. CARLOS
A S. M. O IMPERADOR GUILHERME II
EXECUTADA NAS OFFICINAS DOS SRS. LEITÃO & IRMÃO

E tantas desgraças por esse mundo nascidas do odio e da ambição!

Felizmente pode a gente esquecer, por momentos, desgraças e crimes, mortes e luctos. Nem tudo se grava na memoria como em bronze. O esquecimento é facil para a dor dos outros, que assim o requer o egoismo humano.

Russos e japonezes combatem lá tão longe!... Pode o resto do mundo divertir-se. E tem-se divertido Lisboa.

O Colyseu já começou com as suas representações de opera lyrica e grandes manifestações de apreço, todas as noites, a Maria Galvany; no theatro D. Amelia representam-se alegres zarzuelas, enquanto a companhia portugueza dá seus passeios lucrativos pelas provincias do norte; o theatro D. Maria levou em festa artistica de Ferreira da Silva uma peça nova de Marcellino Mesquita, *Almas doentes*, acompanhando-a da comedia de Camillo, *O Morgado de Fafe*; fala-se já muito das proximas representações do theatro livre, cujo repertorio já foi escolhido por Cesar Porto, um distincto homem de letras, dos mais emprehendedores e sympathicos, que soube á sua unir outras boas vontades de litteratos e artistas theatraes.

Mas aos artistas de profissão levaram agora a palma, como despertadores de curiosidade, alguns distinctissimos amadores,



ACTOR IGNACIO PEIXOTO

da primeira sociedade de Lisboa, que, em espectáculo organizado pela sr.^a D. Maria do Patrocinio Barros Lima de Almeida, deram á cidade uma das suas melhores noites de arte.

Foi linda essa festa em beneficio da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, tendo-se representado peças em lingua franceza, hespanhola e portugueza, e terminando esta, que era o «D. Beltrão de Figueiró», de Julio Dantas, por uma pavana excellentemente dançada, por pares ricamente vestidos.

Noites depois, relisava-se outra representação em casa dos srs. Viscondes de Carnaxide. Muitas palmas aos distinctos amadores; muitas á feliz compositora das engraçadissimas comedias, senhora muito distincta que não teve agora suas glorias primeiras.

E ainda de mais dois espectaculos se está falando e muito, organizados pelos srs. Condes de Azambuja e da Figueira; representações de comedias, quadros vivos, còros populares.

O inverno elegante vae-se prolongando, como se vê, até muito pelo verão dentro; mas está-nos agora a dizer adeus. Pareçam-se os mezes quentes com os que foram o anno passado, e não teremos grandes razões de queixa, os tristes que ficarmos em Lisboa, com só os recursos da

Recita da Alta Sociedade em beneficio do Hospital do Repouso, no Theatro de D. Maria



JOÃO BERGARO



JOSÉ VIANNA (IGLEZIAS)

Em costume na Pavana da comedia «D. Beltrão de Figueiró» — Vid CHRONICA OCCIDENTAL
(Clichés da photographia Fernandes)

Avenida para passarmos, e da feira d'Alcantara para nos distrahir.

Esquecia-me da politica. Tambem continuaremos a tel-a, e discussões acaloradas, e enigmas diarios com talvez soluções phantasticas. Será um recurso no mez de Santo Antonio e S. João, além das fogueiras.

Depois descanso geral, que, esses mezes nem para congressos e exposições podem servir, nem para manifestações que demandem grandes entusiasmos. O verão toma conta da gente, e ha mais preguiça nos corpos do que viveza nos espiritos.

Enquanto elle não chega, está reunido o congresso de leitaria e olivicultura, de que tantos resultados uteis ha a esperar. Com elle ainda um pouco longe, celebrou-se no dia 3, em Lisboa e no Porto, acompanhando as grandes festas de Hespanha, o centenario de Cervantes.

Doas trações á politica.

João da Camara.

INSTITUTO INTERNACIONAL D'AGRICULTURA

O OCCIDENTE presta hoje homenagem sincera ao generoso fundador do Instituto Internacional de Agricultura, a Sua Magestade El-Rei de Italia, que acaba de patentear ao mundo civilisado o profundo interesse que lhe merece a agricultura, quer da Italia quer de todas as outras nações da Europa e da America.

A idea de se estabelecer uma verdadeira federação agricola entre todos os paizes, e de pôr a primeira de todas as industrias ao abrigo dos inumeros monopolios que a definham, germinou no cerebro d'um abastado e benemerito lavrador norte-americano—David Lubin—que desde 1895 vem fazendo uma activa propaganda n'esse sentido. O pensamento de Lubin encontrou na mente prodigiosa e no braço herculeo do monarcha italiano o mais decidido apoio.

O rei Victor Manuel aceitou, com effeito, o encargo de tornar viavel o projecto do grande cidadão americano, pondo toda a sua enorme influencia, solida intelligencia e rasgada generosidade ao serviço d'uma causa santa—a protecção á agricultura.

O plano original de Lubin foi profundamente alterado pelo rei de Italia, que lançou as bases para a organização do Instituto Internacional de Agricultura, dotando-o com a enorme verba de trezentos e sessenta contos annuaes, do seu bolso particular, e convidando os chefes de Estado de todas as nações a collaborarem n'essa vasta obra de progresso agricola e economico.

Tão extraordinario emprehendimento encontrou a mais franca adhesão de todas as nações, que consideram a agricultura como a principal fonte da sua riqueza, as quaes se apressaram em manifestar ao soberano de Italia a profunda sympathia que lhes merecia tão grandiosa obra de progresso.

Portugal adheriu a tão alevantada idéa, bizarramente acolhida por Sua Magestade El-Rei D. Carlos, primo do glorioso iniciador do Instituto Internacional d'Agricultura e que é ao mesmo tempo o primeiro lavrador do nosso paiz, prompto sempre em auxiliar com o exemplo e com a palavra o progresso da agricultura nacional.

Do alcance do Instituto Internacional d'Agricultura pôde bem aquilatar-se pela summa dos trabalhos que se propõe realisar, e que são principalmente, os seguintes:

1.º—A fundação de bolsas agricolas e de gabinetes de trabalho, pelos quaes será melhor distribuida a offerta dos productos e da mão'd obra, e serão melhor regulados e protegidos os transportes e as correntes da emigração.

2.º—O estudo preparatorio de projectos legislativos e administrativos nos casos em que a uniformidade e uma mais larga applicação das prescripções se tornem indispensaveis ao seu bom exito, como succede, por exemplo, nas doenças das plantas e dos animaes, no seguro contra as calamidades e nas falsificações e adulterações dos productos.

3.º—Uma mais proveitosa organização da cooperação rural que, para tudo o que diz respeito ás compras e vendas collectivas e aos seguros mutuos e de credito, pôde desenvolver-se tanto melhor quanto tenha uma base mais ampla.

4.º—A defeza contra uma possível oppressão da parte dos syndicatos de transportes e monopolios, contra os quaes a lei é impotente, ao passo

que o conhecimento completo que os productores e os consumidores tivessem das condições reaes do mercado seria sempre efficaz.

Nas sociedades d'agricultura e na imprensa de todos os paizes tem sido acaloradamente discutida e vivamente applaudida a fundação do Instituto Internacional d'Agricultura, que attestará ao mundo inteiro a magnanimidade do inclito fundador d'essa vasta obra de regeneração economica e de paz.

Conformemente aos desejos expressos pelo governo italiano para que cada paiz tivesse no Congresso duas representações, uma diplomatica, outra de character tecnico, e seguindo o exemplo das de mais nações, que nomearam os respectivos chefes de missão acreditados junto da corte de Roma seus representantes no Instituto Internacional d'Agricultura, o nosso governo acaba de nomear os delegados á proxima reunião preparatoria do Instituto, a qual se realisa no dia 28 do corrente, sob a presidencia do Rei Victor Manuel, que, d'accordo com a municipalidade de Roma, prepara uma recepção cordial e festiva aos congressistas.

A calorosa adhesão de Portugal á sympathica e nobre iniciativa do Rei da Italia será brilhantemente corroborada n'aquelle certamen, onde o nosso paiz apresenta a mais genuina personificação do tacto politico e diplomatico, das necessidades da agricultura, do profundo conheci-



CONSELHEIRO D. JOÃO D'ALARCÃO

NOVO MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS

mento de todas as questões de character accentuadamente tecnico e que mais se correlacionam com o ensino e com as instituições agricolas.

E' nosso delegado diplomatico no Congresso o illustre ministro de Portugal junto da corte de Roma, o sr. conselheiro Mathias de Carvalho e Vasconcellos, par do reino e ministro de Estado honorario.

Como adjunctos technicos, reunindo os mais raros attributos de legitimos representantes da agricultura portugueza, foram nomeados o sr. conselheiro Francisco Augusto d'Oliveira Feijão, que é, alem de lente da Escola Medica de Lisboa e presidente da direcção da Real Associação Central da Agricultura Portugueza, abastado lavrador; e o sr. Sertorio do Monte Pereira, tambem da Real Associação d'Agricultura, lente da cadeira de Sylvicultura do Instituto d'Agronomia e Veterinaria, deputado da nação e presidente da comissão directora do Mercado Central de Productos Agricolas.

Por estes e outros titulos que concorrem nos representantes de Portugal, forçoso é confessar que o nosso paiz honrará na capital italiana o alto feito do ousado monarcha Victor Manuel III.

J. A. MACEDO D'OLIVEIRA.

CONSELHEIRO D. JOÃO DE ALARCÃO

NOVO MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS

A sahida do sr. Conselheiro Pereira de Miranda da pasta do reino, determinou um movimento de recomposição no ministerio persidido pelo sr. Conselheiro José Luciano de Castro, passando o sr. Conselho Eduardo José Coelho da pasta das obras publicas, o sr. Conselheiro D. João d'Alarcão, que occupava o cargo de governador civil de Lisboa.

O sr. Conselheiro D. João de Alarcão Velasques Sarmiento Osorio, de fidalga linhagem, ajudante do procurador geral da corôa, digno par do reino, é pela primeira vez chamado aos conselhos da corôa, tendo já por duas vezes desempenhado o alto cargo de primeiro magistrado do districto de Lisboa, sendo a primeira vez na situação progressista de 1897 a 1900, e a segunda agora.

Da primeira vez deixou a sua passagem pelo governo civil da capital assignalada por bons serviços, sendo, sem duvida, o mais importante as medidas que tomou para evitar que Lisboa fosse invadida pela peste bobonica, que appareceu no Porto, por aquella epoca, medidas, observadas com todo o rigor, como não podia deixar de ser, attentas as constantes relações que existem entre as duas primeira capitães do paiz.

Foi grande a lucta que sustentou, mas proficuos os resultados, pois que o terrivel mal não conseguiu entrar em Lisboa.

Foi, ainda, o illustre magistrado que, no desempenho de sua alta missão, tentou civilisar o carnaval de Lisboa, tentativa que foi seguida e deu os resultados que nos ultimos annos temos visto.

Os pobres de Lisboa tambem não foram esquecidos por sua excellencia e algumas medidas importantes determinou em seu beneficio.

Tendo acompanhado sempre o seu partido com dedicação e bons serviços, entendeu o sr. presidente do conselho dever confiar agora ao sr. D. João d'Alarcão a pasta das obras publicas, onde é de esperar sua excellencia desempenhará condignamente as altas funções de ministro em que foi investido.

S. M. O Imperador Guilherme II em Lisboa

Brinde de S. M. El-Rei D. Carlos a S. M. O Imperador Guilherme II

Por occasião da visita a Lisboa do Imperador Guilherme II, Sua Magestade El-Rei D. Carlos presentou e seu illustre hospede com uma salva de prata, trabalho de alto valor artistico, sahido das officinas da casa Leitão & Irmão, a quem o OCCIDENTE mais d'uma vez tem feito referencias de louvor merecido, pelas obras primorosas de ourivesaria com que de continuo está attestando o seu esmero e os progressos com que tem enriquecido a arte nacional.

A salva, inspirada na parte manuelina do convento de Christo em Thomar, não podia ter uma concepção mais levantada da nacionalidade que representa, nem a sua execução poder ser mais perfeita e honrosa para a arte portugueza.

Admiram-se n'ella, nos motivos de decoração que o artista foi buscar á architectura manuelina, todas essas phantasticas inspirações que a tornam ainda hoje o assombro de quem visita os nossos monumentos d'essa epoca, que foi o zenith do nosso poderio nos mares, e de mais ampla expansão para a vitalidade portugueza em todas as suas aspirações artisticas.

A salva tem 71 centimetros, de diametro e representa uma véla enrolada e atada envolvida na corda e n'uma arcatura trilobada apoiada sobre conchas; de espaço a espaço estão uns primorosos florões entremeados de cruzes de Christo e de espheras armilares constituindo uma grade que circunda a peça toda.

O fundo é liso, tendo em volta oito naus empavezadas singrando altivas o oceano, d'onde são espreitadas pelos monstros marinhos que se veem entre as vagas.

Uma corda enfiada em oito bóias circunda a parte central, onde se veem tambem oito arcos com florões e a elles presa uma véla enfundada onde, em gravura *fac-simile* do autographo original, está a assignatura de Sua Magestade El-Rei.

Em todos os promenores d'este notavel trabalho, que recorda a epoca mais florescente da

nossa historia, admira-se não só a phantasia e a habilidade do cinzelador, mas o seu espirito de observação posto em prova com uma correcção tal, que se fica captivado, admirando a precisão como tudo se acha cojugado para exprimir a idéa de que fomos um povo empendedor e grande tantos seculos antes, d'aquelles que ainda agora vão acordando no empenho de nos quererem imitar.

IGNACIO PEIXOTO

O logar notavel que foi occupar no elenco do nosso theatro normal, veio confirmar em absoluto os seus creditos de actor distincto.

Já se havia salientado nos theatros do Porto e no Avenida de Lisboa a representar operetta e no Gymnasio, como figura primordial da comedia burlesca, mas agora em D. Maria, desempenhando a alta comedia e o drama por forma digna dos maiores encómios, fixou definitivamente a sua collocação entre os nossos melhores artistas dramaticos.

Effectivamente não se pôde ser mais correcto na interpretação das personagens. Sobrio no gesto, elegante no declamar, cuidadoso na caracterização e no traço, o actor Ignacio Peixoto demonstra a cada passo da sua gloriosa carreira o seu aturado estudo e a forma intelligente por que o encaminha.

Só quem não frequente theatro a miude ou quem não olhe com olhos de ver para o que ali se exhibe nos palcos, é que não tem reparado na forma pouco escrupulosa por que muitos dos nossos artistas accentuam as individualidades que representam. O desenho deve ser flagrante, nitido. A incarnação tem de ser completa, acompanhando a voz, a expressão, o accionado, o andar, todas as maneiras, enfim, adequadas á personagem, com a mais leve minucia de vestuario exigida. E para alcançar este desideratum, em vista do pouco cuidado de alguns dos nossos ensaiadores, é mister que o actor possua intelligencia, illustração e faculdades de estudo; requisitos, que apesar da sua imprescindível necessidade para o meio, deverão ser coroados pelo genio, que vulgarmente se denomina — fogo sagrado, — sem o qual nenhuma creatura se evidenciará no mundo scenico.

Ora todas estas qualidades se concentram em Ignacio Peixoto, que por isso faz parte do numero relativamente restricto dos nossos actores conscienciosos. Comprehende, e muito bem, que o homem tem sempre que aprender e que, portanto, deve seguir os progressos que se desenvolvam na arte que professa. Para o provar ahi está a viagem de estudo que fez á capital da França.

Na sua vasta galeria de typos tem o nosso biographado exuberantes attestados da forma brilhante como se compenetra dos caracteres dos papeis que lhe distribuem, encarando-os pelo prisma que se lhe affigura mais verdadeiro e ainda os não reproduziu erradamente.

Desde a comedia a *Roca de Valentim*, que subiu á scena na Gymnasio, em 1894, que o seu talento vem de se manifestar, merecendo a justa reputação de excellente artista de que hoje goza. N'aquelle tablado, por onde passaram muitos vultos importantes da scena portugueza, adquiriu elle a sua notoriedade em creações magnificas, como as dos *Doidos com juízo*, *Hotel do livre cambio*, *Festa da inauguração*, *Grande heroe*, *Agnas de S. Chrispim*, *Empenhoca*, *Filho artificial*, *Vencidos*, *Gatuno*, *Espiritismo*, *Alegrias do lar*, *Papão*, *Outro sexo*, *Minisiro d'agua furtada*, *Gente para alugar*, etc., etc. Agora, em D. Maria, tem-nos apresentado trabalhos primorosos como os do bôbo do *Rei Lear* e de Rouget da *Trovisqueira*.

Por diferentes vezes se foi do torrão natal em *tournee* pelas terras de Santa Cruz e por lá recebeu bastos laureis, grangeando os maiores elogios da imprensa e as sympathias do publico.

Ignacio Peixoto, é pois, um actor que em qualquer theatro, onde se escripture, seja qual for o genero das peças que explore, ha de sempre figurar na vanguarda das respectivas companhias.

PEDRO PINTO.

CANON DOYLE

O DEDO POLEGAR DO ENGENHEIRO

(Continuado do numero antecedente)

— Estava admirando a sua grêda, retorqui, e affigura-se-me que lhe poderia ter dado conselhos mais efficazes, se tenho sabido o verdadeiro des-

tino da sua machina. Ainda bem não havia soltado estas palavras quando dei pela minha imprudencia. O semblante do meu collocutor assumia expressão ferina e nos olhos pardos lampejava um clarão de ruim agoiro.

— Muito bem, proferiu, em breve ficará bem informado. Recuou um passo, fechou a porta de repellão e deu volta á chave. Arremeto para o botão do fecho, mas por mais esforços que fiz não fui capaz de a abalar.

— Hola! ululei: Hola! coronel! Abra a porta.

E então, de subito, no silencio da noite ouvi um ruído que me coalhou o sangue nas veias! Era o ranger das alavancas, e o movimento do cylindro em que eu tinha descoberto uma fuga; o coronel fizera andar o cylindro! E eu para ali estava ainda, o candeeiro no chão, onde eu o havia posto, para examinar o tanque. Ao clarão que emitia, enxergava eu o tecto escuro a descer lentamente sobre mim, e por sacões successivos mas, — e ninguem melhor do que eu o podia saber — com uma força que dentro em menos de um minuto reduzir-me-ia fatalmente ao estado de uma polpa informe. Investi com a porta bradando por soccorro, esfolei os dedos na fechadura, implorei do coronel que me deixasse sahír d'ali; o implacavel retintim das alavancas afogava a minha voz. O tecto achava-se actualmte distante apenas um ou dois pés por cima da minha cabeça, e eu erguendo a mão, podia já atingir-lhe a superficie rijida e rugosa. E então, visto ser inevitavel a morte,urgia tomar uma posição que a tornasse o menos dolorosa possivel. Deitado de bôco, o péso cahiria desde logo sobre a espinha dorsal! e percorreu-me um calafrio ao pensar no horrivel esmagamento que d'ahi resultaria, por outro lado, deitando-me de costas, teria acuso a necessaria coragem para ver descer sobre mim aquella sombra mortal? Nem já podia conservar-me de pé, eis se não quando, veio trazer-me um vislumbre de esperança uma visão.

Disse já que o tecto e o pavimento eram ambos de ferro, e de madeira as paredes. Circumvagando um derradeiro olhar, divisei um delgado rastro de luz coado por entre duas tabuas; e a breve transe vejo abrir-se um postigo. Um segundo, sequer, de hesitação, o tempo sufficiente para avaliar que era com effeito uma porta de salvaterio, e atirei-me como louco para essa abertura indo cahir sem sentidos quasi do outro lado da parede. Fechara-se o postigo atraz de mim; d'ali a instantes, o estridor do candeeiro esmigalhado, e as duas molas de metal contundindo-se vem testificar-me o haver-me salvo por um triz!

Recuperei os sentidos mercê de violenta pressão no pulso; abri os olhos: achei-me estrado no chão em um estreito corredor e, debruçada sobre mim, uma mulher com um castiçal na mão, estorcendo-se por me arrastar com a mão que tinha livre. Verifiquei ser a mesma fada bem fazeja cujos conselhos eu tão incautamente desprezara.

— Venha, venha! clamou fora de si. Elles não tardam por ahi. Vão dar pela sua falta no sitio em que o deixaram. Então! Não perca um tempo tão precioso! Venha d'ahi!...

D'esta vez, sequer ao menos, não lhe desprezei o aviso. Levantei-me a muito custo, e corremos ambos até ao fim do corredor onde se encontrava a escada de caracol que nos facultava accesso a um passadiço mais amplo. No momento em que o alcançávamos, sentimos passos acelerados e o echo de duas vozes, permutando perguntas e respostas de um para outro andar. Estacou perplexo o meu guia, em seguida, abriu de golpe uma porta dando accesso para um aposento, em cuja janella vinha refrangir-se o luar.

— Eis a sua salvação, disse. E' grande a altura, mas creio que poderá saltar.

No mesmo instante assomava uma luz á extremidade do corredor; alumeando a comprida e delgada silhueta do coronel Lysandro Stark, e este, empunhando uma lanterna, corria brandindo um instrumento á laia de cutello de magarêfe. Investi para a janella, abri-a de repellão e olhei para o exterior. Que paz e que socego naquella jardim alumeado pela luz do luar! Achava-me a uma altura de trinta pés, quando muito; galguei o parapeito, mas não quiz dar o salto antes de ter ouvido o que se passava entre a minha redeptora e o miseravel que vinha a perseguir-me. Se acaso a maltratasse, estava decidido a arrostar a tudo e voar a soccorrê-la. Mal tivera tempo de optar por semelhante alvitre e ia já a transportar a porta o meu algóz, repellido a mulher affim de passar á viva força, entanto esta lhe lançava os braços em redor do corpo, tentando detê-lo.

— Fritz, Fritz! bradou em inglês, lembra-te da promessa que a ultima vez me fizeste! De que não tornarias a praticar semelhante coisa! Elle não diz nada! nada! tenho a certeza!

— Estás doida, Elisa! exclamou, tentando des-
envencilhar-se. Queres então deitar-nos a perder á todos nós. Viu demais. Deixa-me passar!

Empurrou-a com força, e arremettendo para a janella, vibrou-me um golpe com a sua arma. Eu deixara-me cahir da janella abaixo ficando suspenso por um braço, e aferrando-me ao parapeito. Senti uma dôr surda, soltei a mão, e baqueei no jardim.

Ficara atordoado, mas não magoado da queda; levantei-me e deitei ás carreiras com quanta força tinha, através das moitas, pois sentia que me não achava ainda livre de perigo. De subito, porém, faltou-me o animo, olhei para a mão, na qual sentia uns repellões dolorosissimos; confirmei-me então, em que havia sido troncado çerce o pollegar, e que o sangue jorrava em borbotões da ferida. Tentei ligá-la com o lenço, mas puseram-se-me os ouvidos a zimir, e caí sem sentidos entre as roseiras.

Nem sei dizer por quanto tempo permaneci sem dar accordo de mim. Para ali fiquei um bom pedaço, visto como se havia sumido o luar, e o dia começava a romper quando recuperei os sentidos. Tinha o fado lento do orvalho, e a manga enopada de sangue. A dor da ferida veio de subito recordar-me os minimos incidentes daquella noite, e ergui-me de um salto perante a ideia de que poderiam ainda vir a perseguir-me. Qual não foi porem o meu espanto, ao lançar a vista em derredor, de não ver já, quer a casa, quer o jardim. Achava-me ao abrigo de uma sebe, na estrada real, e ali ao pé, erguia-se uma extensa construção, a qual, ao aproximar-me, verifiquei ser a propria estação, onde eu me apeára na noite anterior. A não ser aquelle molino ferimento, quanto occorrêra durante aquellas horas tremendas podia muito bem ter sido apenas um sonho ruim.

Atordoado de todo, entrei na estação a informar-me do horario dos comboios. Havia um, apenas, dirigindo-se para Reading dentro em menos de uma hora. Reconheci o empregado pelo facto de o ter visto á chegada. Perguntei-lhe se acaso ouvira nomear o coronel Lysander Stark. Se havia reparado em uma carruagem que viera esperar-me a noite passada. Que não, que não tinha reparado em coisa nenhuma. Informei-me, então, da existencia de uma estação policial. Que havia uma, distante d'ali tres milhas, foi a resposta.

Era, porém, muito longe para mim, atento o estado de fraqueza em que me encontrava. Tive pois que esperar pelo meu regresso á cidade para fazer o meu depoimento. Quando ali cheguei era um pouco mais de seis horas. A primeira coisa em que cuidei foi em que me pensassem a ferida, e depois, o doutor teve a bondade de me acompanhar aqui. Entrego-me nas suas mãos e farei tudo que me disser. Concluida tão extraordinaria narração permanecemos em silencio um bom pedaço. Depois, Sherlock Holmes sacou da estante um daquelles volumosos registos em que guardava o texto que recortava nos jornaes.

— Aqui está um annuncio que não deixará de o interessar, proferiu. Apareceu em todos os jornaes, haverá coisa de um anno. Ora escute: «No dia 9 do corrente mês, desapareceu Jeremias Hayling, da idade de 26 annos, engenheiro «hydraulico. Sahiu de casa ás 10 horas da noite. «Nunca mais se soube delle. Trajava, etc.»

Ah! ah! Isto, imagino eu, representa a ultima vez em que o coronel precisou de concerto na sua prensa.

— Santo Deus! exclamou o meu enfermo. Mas então ahi está explicado quanto me disse aquella mulher!

— Sem tirar nem pôr. E' certo que o coronel é um homem frio e resolutivo e que se não prende com coisa nenhuma.

Está absolutamente decidido a não consentir jámais que lhe atravessem os seus planos, tal qual aquelles piratas que não deixam sobreviver viv'alma nos navios apreçados. Pois bem! cada instante representa para nós uma preciosidade; se acaso se sente com forças, vamos desde já á estação central de Scotland Yard, e dali, a Eyford.

(Continua)

M. Macedo.

O MEZ METEOROLOGICO

Abril 1905

Barometro: Maxima altura 767,^{mm} 9 em 22.

» Minima » 744,^{mm} 4 em 10.

A altura barometrica que se conservara com pequenas variações durante o inverno, soffreu uma grande baixa em 9, a qual mais se accentuou no dia 10. Este nivei é um dos mais baixos registados n'este mez. Já em 11, ás 9 horas da manhã marcava o barometro 758,^{mm} 0.

Thermometro: Maxima 27°, 3 em 3.

Thermometro: Minima 7°, 8 em 21.

Temperatura elevada até 6, com maximos respectivamente eguaes a 23°, 26°, 27°, 25°, 24°, 26°, 26°, 1. Baixa sensível desde 7, conservando-se a temperatura inferior á normal de 10 a 22, e attingindo um nivel um pouco mais elevado a partir d'este dia, sem contudo ser excessivo. (Em 24, Max. 22°, 2).

Chuva: 47, mm 5 em 12 dias Um unico dia de chuva notavel em 9. (10, mm 1).

Céu: Bom tempo, 8 dias. Nublado, 20. Encoberto, 2.

Trovoadas: em 9.

Halo da lua: em 15.

Ventos dominantes: NE. até 6, entre SE e SW. de 7 a 15., NW. até 23, NE. de 24 a 27 e NW. até ao fim do mez.

NECROLOGIA

CARDEAL ANDRÉ AJUTI

Um telegramma expedido de Roma no dia 28 de abril, trouxe a noticia de ter ali fallecido, em resultado de uma operação cirurgica, o cardeal Ajuti, que desde 1896 até 1904 foi nuncio da Santa Sé em Lisboa, onde pelas suas primorosas qualidades de caracter e natural afabilidade do seu trato, mereceu as sympathias e estima da alta sociedade portugueza.

No palacio da rua do Quelhas se reuniram frequentes vezes as personagens mais importantes do corpo diplomatico, da politica e da sociedade lisbonense e a todos monsenhor Ajuti captivava pela a fabilidade, e pelos elevados dotes de seu espirito illustrado.



CARDEAL ANDRÉ AJUTI

Toi rápida a sua carreira diplomatica como curta foi sua vida. Monsenhor André Ajuti nasceu em Roma a 17 de janeiro de 1849, filho de Pedro Ajuti, fidalgo patricio, a de Thereza Mamella Ragui-na Leoni, de uma illustre familia genoveza.

Aos 27 annos era secretario da nunciatura do Rio de Janeiro, e, em 1879, transferido na mesma qualidade para a nunciatura de Munich, onde, em 1882, foi elevado a auditor.

Quatro annos depois — 1886 — foi enviado á India como conselheiro especial da missao para levar a effeito a concordata entre a Santa Sé e Portugal do protectorado portuguez n'aquelle vasto paiz. Nesta missao foi elevado a delegado apostolico e recebeu a dignidade de arcebispo titular d'Avida. No desempenho d'aquella alta missao se conservou seis annos, sendo, em 1891, nomeado secretario da Propaganda Fide, até que, em 1893, voltou a Munich na qualidade de nuncio da Santa Sé.

Em 1896 foi transferido para Lisboa, e n'esta capital recebeu de Roma, em 1903, a nomeação de cardeal, com que o Papa Leão XIII o distinguiu, seguramente por seus bons serviços á Santa Sé, prova evidente da capacidade de monsenhor Ajuti.

El-Rei o Senhor D. Carlos lhe impoz o barrete cardinalicio, no dia 14 de julho de 1903, solemnidade que se realisou no Paço d'Ajuda.

RECTIFICAÇÃO

Por errada informação dissemos no ultimo numero da nossa revista, que a decoração da sala do Club Simões Carneiro era devida ao distincto scenographo sr. Eduardo Reis, quando ella é do sr. Julio Machado.

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 444, 1.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA

FABRICA DE MOVEIS NO PORTO

DE

REIS & FONSECA

Com officinas e deposito em Lisboa

Completo sortimento de mobílias e estofos em todos os generos e estylos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

LARGO DO CALHARIZ, 26 E 27 — LISBOA

Caixa Geral de Depositos

e Instituições de Previdencia

Operações pela Caixa Geral de Depositos

Adiantamentos de juro de quaesquer titulos de dívida publica que não estejam imo e bilizados perpetuos ou temporariamente. — Empre-timos a curto prazo sobre penhores de mesmos titulos — Empre-timos a corporações administrativas — Desconto de letras sacadas sobre o thesoureiro do ministerio da marinha — Adiantamentos de vencimentos a funcionarios publicos e pensionistas do estado — Operações em r/c de subsidios devidos por lei e descriptos no orçamento geral do estado com encargo regular e effectivo do thesouro.

O juro, prazo e demais condições das operações acima mencionadas serão determinados segundo as circumstancias do mercado.

Operações pela Caixa Economica Portugueza

Depositos vencendo juro de 3,40 por cento ao anno capitalizados annualmente. Os depositos podem se elevar em cada anno até á quantia de 1.000.000 réis, não podendo, noem, cada depositante ter em deposito quantia superior a 3.000.000 réis

Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO

— LISBOA —

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA

(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida

PHOTOGRAPHIA FERNANDES

NOVIDADE EM RETRATOS DE CREANÇAS

REPRODUCCÕES — AMPLIAÇÕES

Trabalhos fóra do atelier

Photographias de animaes, paisagens, Jardins, Interiores, etc., etc.

Lisboa — Rua do Loreto, 43 — Lisboa

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.^a

Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

N.º telephónico, 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.